

DON ALEJANDRO ROBAINA
LADEADO PELA SUA CORTE CUBANA: HIROCHI, NETO E
SUCESSOR, E CARLOS, FILHO E MENTOR DA FAMÍLIA



embargo e a redução gradual das restrições ao isolamento. Por ora, os americanos que visitarem Cuba apenas poderão trazer até um máximo de 100 dólares em charutos, mas foi um primeiro e curto passo para os apreciadores: os 100 dólares só dão para dois charutos, longe de servir para acalmar um vício.

Mas o anúncio do fim do embargo já pôs a indústria do tabaco cubano a mexer, sobretudo na família Robaina, dedicada à produção de charutos desde 1845 e com a sua própria marca desde 1997, poucos anos depois de Don Alejandro Robaina (1919-2010) ter sido considerado o melhor produtor de tabaco do país, merecendo por isso a honra de se tornar o único produtor cujo nome alcançou o estatuto de marca ainda no seu tempo de vida. Dedicado aos charutos desde os 10 anos, e fumador ainda antes disso, herdou a plantação do pai, Maruto Robaina, assegurando a partir de então uma qualidade ímpar para as folhas que saíam das plantações da família. O seu nome ficou rapidamente associado aos charutos de maior qualidade que Cuba produzia, dando-lhe fama e estatuto suficiente para resistir à fúria revolucionária da Cuba castrista: “Expliquei ao Fidel que a nossa forma produtiva era a melhor. Disse-lhe que não gostava de cooperativas ou de quintas estatais e que a melhor forma de produzir tabaco era a familiar. Ele queria que nos associássemos a uma cooperativa e eu disse-lhe: ‘Não!’ Não o faria e ia continuar a trabalhar com a

**Don Alejandro deu uma nega a Fidel e à integração da sua produção numa cooperativa.
“Expliquei-lhe que a nossa forma era melhor”**

minha família. No final ele percebeu”, relatou Don Alejandro em 2006, numa entrevista à “Cigar Aficionado”.

Em 2009 foi diagnosticado cancro ao “deão do tabaco cubano”, como lhe chamou então aquela revista especializada. Morreu no ano seguinte, com 91 anos. Mas Don Alejandro há anos que já tinha resolvido a sucessão: Hirochi Robaina, hoje com 39 anos, lidera a Vegas Robaina desde 2003 e agora prepara-se para levar a empresa para uma nova etapa, impensável para o seu avô: a invasão cubana dos EUA. Este mercado gasta qualquer coisa como 11 mil milhões de euros por ano em charutos, incluindo alguns Robaina, mas não “os” Robaina: para contornar o embargo, a empresa lançou nos EUA charutos com tabaco da Nicarágua, que, todavia, ninguém vende como se fossem “iguais” ou “idênticos”, evitando assim cair na triste figura daquelas empresas que impingem bebidas sem açúcar, cafeína ou álcool como algo igualmente

bom. No que toca aos charutos, o respeito pelo original é sagrado e isso começa pelo preço: um Robaina com tabaco da Nicarágua vale cerca de 20 dólares e um cubano verdadeiro nunca menos de 35. Para preparar o fim do embargo, Hirochi tem-se multiplicado em visitas aos EUA. “É recebido nas lojas especializadas da 5.ª Avenida como uma rock star e até distribuiu autógrafos”, conforme conta a “Bloomberg”. O caminho até a invasão estará concluída será longo, e ninguém espera que o mercado mude da noite para o dia, até porque há que contar com a resistência (e o lobi) dos produtores que ganharam com o embargo – da República Dominicana e da Nicarágua –, mas o que não falta são projecções: 25% a 30% do mercado dos EUA cairá para os cubanos de imediato e até 70% a médio prazo. Agora só o tempo dirá se as projecções estão certas. Por falar em tempo, uma curiosidade para acabar onde começámos: se Kennedy tivesse sobrevivido até hoje, o stock que acumulou antes de assinar o embargo ter-lhe-ia dado para fumar quase dois cubanos por mês nos últimos 53 anos. É bom ser presidente – e, por falar em presidentes e charutos, note-se que quase conseguimos acabar sem falar de “Clinton” e “Lewinsky”, mas pronto, foi mais forte que nós. ■